

# Regimento do Congresso é armadilha nas votações

Poucos parlamentares conseguem desvendar os segredos das normas internas

XICO SÁ

A esperteza dos parlamentares no domínio do regimento interno do Congresso — uma cartilha com mais de cem regras — foi decisiva durante as votações do Plano Collor. Na avaliação dos líderes dos partidos, apenas um grupo de 15 dos 490 deputados da Câmara conhecem bem as armadilhas do jogo legislativo. Foi um desses experts, Gastone Righi, líder do PTB, quem salvou, na noite de quarta-feira, o coração do Plano Collor — Medida Pro-



ESTADO DE SÃO PAULO

visória 168, que cria o cruzeiro e limita os saques da caderneta de poupança.

— Você é maluco, retire esse requerimento — alertou Righi ao líder do governo, deputado Renan Calheiros (PRN-AL), que é apenas um bom aprendiz do grupo de elite que domina o assunto. “O regimento é um quebra-cabeças”, define o líder do PTB.

A história do alerta começou quando os líderes do governo pediram uma inversão de pauta, ou seja, queriam que o Congresso votasse primeiro a medida provisória e depois o projeto de conversão do deputado do “Osmundo”, Reboças (PMDB-CE). O requerimento foi rejeitado em votação por acordo de lideranças (os líderes dos partidos votam pelas suas bancadas). Renan Calheiros, informado, pediu verificação da votação, que significa uma checagem no plenário através de

votação nominal. O senador Iram Saraiva (PDT-GO), que presidia a mesa, aceitou o pedido de Calheiros. Mas quando ia ser iniciada a votação, Gastone Righi puxou Calheiros pelo braço e fez o alerta. O líder do governo desistiu imediatamente do seu pedido de requerimento de votação. Se tivesse mantido a palavra, o próximo pedido só poderia ser feito, como manda o regimento, uma hora depois. Isso significaria, segundo a cartilha do regimento, que a votação da medida provisória teria de ser feita pelo sistema de acordo de lideranças e não no voto a voto dos parlamentares. “Dessa forma o governo seria derrotado”, diz o deputado Luís Roberto Pónte (PMDB-RS), que exerceu o posto de líder do governo Sarney na Câmara. “Às vezes vale mais a intimidade com o regimento do que ter a maioria”, explica. “O raposismo pesa muito.”

15 ABR 1990